

Pronunciamento do Presidente Ilan Goldfajn na Abertura do XI Seminário Anual sobre Riscos, Estabilidade Financeira e Economia Bancária

São Paulo, 12 de agosto de 2016.

Senhoras e senhores, bom dia.

É com grande satisfação que, em nome do Banco Central do Brasil, lhes dou as boas-vindas ao décimo primeiro Seminário Anual sobre Riscos, Estabilidade Financeira e Economia Bancária.

Estou certo que nesta edição, da mesma forma que nas anteriores, colheremos bons frutos do debate de ideias e da troca experiências havida nesses três dias.

Na pessoa do Diretor Carlos Viana, agradeço a todos os servidores do Banco Central que trabalharam com afinco para o sucesso desse evento.

Agradeço o Professor Iftekhar Hasan, Editor do Journal of Financial Stability, pela parceria de vários anos com o Banco Central do Brasil na realização deste evento.

Agradeço também aos moderadores e aos expositores, que se dispuseram a compartilhar seus conhecimentos e suas experiências.

Daqui a aproximadamente um mês, completaremos oito anos do início da fase mais aguda da crise financeira internacional desencadeada pela quebra do Lehman Brothers.

Nesse período, a comunidade internacional empreendeu uma reforma sem precedentes nos arcabouços regulatórios que regem os sistemas financeiros globais e locais.

Mesmo em meio a crises econômicas que atingiram várias economias, os sistemas financeiros evoluíram e hoje, de modo geral, se encontram mais sólidos e mais resilientes a choques.

No Brasil, o sistema financeiro nacional mostrou sua resiliência frente ao choque global.

Na qualidade de ator internacional, o Banco Central do Brasil apoiou essa evolução e implementou medidas que ajudaram a manter a solidez do Sistema Financeiro Nacional, mesmo frente a um cenário econômico desafiador, tanto no plano doméstico, quanto na dimensão internacional.

Passada quase uma década de reformas regulatórias, acredito que há consenso na comunidade internacional de que a agenda regulatória pós-crise financeira global está praticamente concluída. Daqui para frente, ao mesmo tempo em que parte dessas reformas será implantada, seguindo o cronograma já divulgado, será tempo de avaliar seus efeitos e, se for o caso, promover os ajustes finos nos padrões já estabelecidos.

Quero aqui falar de alguns temas relacionados à estabilidade financeira e economia bancária, mais especificamente, sobre arranjos de pagamento, cidadania financeira, inovações tecnológicas e, especialmente, sobre a eficiência no sistema financeiro.

Nesse período, especialmente nos últimos anos, o Banco Central também esteve diretamente envolvido com o desenvolvimento da indústria de pagamentos no Brasil. Um dos mais importantes marcos nessa trajetória foi a edição da Lei 12.865, em 2013, que direcionou ao Banco Central a regulação e a supervisão dos arranjos de pagamento.

Desde sua edição, o Banco Central vem atuando no sentido de organizar esse mercado de forma a estimular mais competição entre os participantes, visando assim atender aos princípios e a cumprir os objetivos trazidos pela lei.

Desenvolver o sistema de pagamentos nessa direção é um desafio compartilhado entre o regulador e o mercado.

A partir de meados da década passada um grande contingente de cidadãos foi incorporado ao sistema financeiro.

O Banco Central tem dado especial atenção a questões de inclusão financeira e a mudanças no Sistema Financeiro Nacional para melhor atender a novos públicos.

A capilaridade hoje é muito mais ampla, tornando o acesso quase universal.

Ainda há muito espaço para evolução de aspectos fundamentais de cidadania financeira, especialmente quanto à educação e à proteção financeira da população.

Hoje, tenho a satisfação de dizer que o Sistema Financeiro Nacional está bem capitalizado, líquido, bem provisionado, competitivo e mais inclusivo. Nosso papel é preservar essas características à frente, sob diferentes cenários.

Para preservar essa solidez e ampliar a sua eficiência, estamos também acompanhando de perto as inovações tecnológicas que vêm se incorporando a esse sistema com grande rapidez.

Esse é um tema fascinante que ganhará cada vez mais proeminência.

O ritmo acelerado de inovações tecnológicas no segmento financeiro impõe a todos os bancos centrais e reguladores do mundo o desafio de avaliar proativamente as repercussões que tais inovações terão na forma de se fazer negócios.

Se por um lado esse novo ambiente pode trazer mais eficiência, por outro, também traz consigo novos riscos, tais como, por exemplo, a exposição a ataques cibernéticos, que merece hoje atenção global.

Devido a sua velocidade e intensidade, os impactos das inovações tecnológicas são difíceis de mensurar. Por isso, a abordagem que estamos adotando é estudar de forma organizada as inovações que vêm se consolidando, procurando não inibir sua evolução com requisitos regulatórios precoces.

Nossa intenção é entender como elas estão se desenvolvendo e mapear os riscos potenciais de cada uma delas. Conhecendo-as melhor, seremos mais capazes de regulá-las sem eliminar os ganhos de eficiência que elas poderão trazer à indústria financeira.

Eficiência é uma palavra-chave para a atuação do Banco Central como regulador e como supervisor do Sistema Financeiro Nacional. Não custa lembrar que parte importante de nossa missão institucional é assegurar a solidez, mas também a eficiência desse sistema.

Além das dimensões de eficiência que já mencionei – competitividade, cidadania financeira e inovações tecnológicas – será importante caminharmos na direção de reformas microeconômicas que reduzam distorções e evitem intervenções demasiadas, aumentando a eficiência dos mercados de forma a: (i) reduzir o custo de crédito, (ii) aumentar a potência dos mecanismos de transmissão da política monetária e (iii) criar as condições para o desenvolvimento de um mercado de capitais plenamente capaz de financiar investimentos produtivos de longo prazo.

Ademais, é preciso reconhecer que a interação entre a política monetária e a solidez e a eficiência do sistema financeiro age nas duas direções.

Se por um lado um sistema financeiro sólido e eficiente diminui os custos necessários da política monetária para alcançar seus objetivos, por outro, a boa condução dessa política favorece o bom funcionamento do sistema ao oferecer aos intermediários financeiros um ambiente mais estável e menos incerto.

Senhoras e senhores,

O Sistema Financeiro Nacional está sólido, líquido, bem capitalizado e resiliente a choques. É nosso papel mantê-lo assim. Dessa forma, acreditamos que o Sistema Financeiro contribuirá para a recuperação sustentável da economia brasileira.

É fundamental que o Sistema Financeiro exerça sua função clássica de intermediador entre poupadores e investidores, alocando de maneira eficiente recursos financeiros para fins produtivos e para o consumo, agindo assim como alavanca para a recuperação econômica.

Como tenho afirmado em declarações recentes, o elemento mais essencial para a recuperação econômica sustentável será a retomada da confiança.

Para isso, é necessário, em primeiro lugar, fortalecer o velho e bom tripé macroeconômico formado por responsabilidade fiscal, controle da inflação e regime de câmbio flutuante.

No lado fiscal, cuja importância para a retomada da confiança não pode ser relativizada, teremos hoje a oportunidade de ouvir o Ministro Henrique Meirelles, que foi convidado a fazer o encerramento da décima primeira edição desse seminário.

Do lado do Banco Central, contribuiremos pela via do controle da inflação, que ajudará na redução do risco país, na recuperação da confiança e na retomada do crescimento, e pela via do respeito ao regime de câmbio flutuante, que tantas vezes mostrou seu valor no papel de estabilizador frente a choques.

Nesse sentido, reafirmo aqui o nosso compromisso com as metas de inflação em todo o horizonte relevante para a política monetária, em particular, o processo de convergência para a meta de 4,5% em 2017.

Como é de se esperar na administração do regime de metas de inflação, estamos dando grande atenção à comunicação institucional e ao gerenciamento das expectativas. Isso é fundamental e um trabalho contínuo.

A nossa comunicação tem deixado clara a importância das expectativas de mercado e as nossas projeções para a administração desse regime. Afinal, é olhando para o futuro que a política monetária é balizada.

Mas não se deve tomar essas variáveis como únicas para as decisões de política monetária. Há diversos fatores que afetam a perspectiva para a inflação, vários deles apontados no balanço de riscos na última ata do Copom.

O Copom toma suas decisões baseado em um amplo conjunto de informações e de modelos proprietários, que culmina na avaliação subjetiva e discricionária de seus membros, a cada reunião. Resumindo, não há um modelo ou variável que determine isolada e automaticamente as decisões de política monetária.

Em relação ao câmbio flutuante, temos afirmado que o Banco Central, quando julgar necessário e sem ferir as premissas desse regime, utilizará com parcimônia as ferramentas cambiais de que dispõe. Nesse sentido, poderá reduzir sua exposição cambial em determinado instrumento em ritmo compatível com o normal funcionamento do mercado, quando e se estiverem presentes as adequadas condições. Um exemplo claro dessa atuação tem sido a redução gradual da nossa posição em swaps cambiais, motivada pelas condições no mercado.

O cenário internacional oferece hoje um interregno benigno de liquidez ampla e alguma recuperação do crescimento que beneficia no curto prazo as economias emergentes. Acreditamos que devemos ter cautela e não tomarmos a atual situação como necessariamente permanente, pois há riscos a frente que podem ameaçar, de um lado, o atual crescimento modesto e, de outro, a disponibilidade da liquidez global.

Senhoras e senhores,

O cenário nacional e internacional ainda se apresenta bem mais desafiador do que a média histórica.

No Brasil, será de fundamental importância a aprovação e a implementação de ajustes e reformas capazes de restaurar a confiança dos agentes econômicos e de criar as condições para a recuperação econômica com baixa inflação.

É diante desse pano de fundo que o Banco Central trabalhará para cumprir sua missão institucional e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento do país.

Agradeço pela atenção e desejo um bom dia a todos.
